



Adorno contra Nietzsche? De que modo Adorno foi um bom leitor de Nietzsche¹

Adorno against Nietzsche? How Adorno was a good Nietzsche Reader

DOI: 10.20873/rpv6n2-24

Wesley Barbosa

Orcid: 0000-0001-8766-6670
Email: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca aproximar Adorno de Nietzsche, não como a exaltar ressentimentos e picuinhas, mas como a dialogar aspectos da crítica de ambos a uma cultura igualitária formadora de uma humanidade decaída e violenta, além de dócil e pouco crítica. Como leitor de Nietzsche, Adorno acertou ao indicar os processos de nivelamento social promovidas pelas sociedades econômicas contemporâneas. Assim como sua racionalização instrumental que culminou na barbárie (1939-1945). Exporemos uma crítica que busque diminuir os estereótipos dos autores aproximando mais, o social, de Nietzsche, e o sujeito individual, de Adorno. No fim, tentaremos demonstrar como o conceito de solidariedade em Adorno não resolve melhor a questão ética, que a avaliação como valor para a construção de valores, sendo a proposição imoralista de Nietzsche, muito mais um recurso provocativo, que uma assertiva de caráter fundamental.

Palavras-chave

Crítica, esclarecimento, valor, dialética.

Abstract

This article seeks to bring Adorno closer to Nietzsche, not by exalting resentments and nitpicking, but rather by dialoguing aspects of their criticism of an egalitarian culture that forms a fallen and violent humanity, in addition to being docile and uncritical. As a reader of Nietzsche, Adorno was right to indicate the processes of social leveling promoted by contemporary economic societies. As well as its instrumental rationalization that culminated in barbarism (1939-1945). We will expose a critique that seeks to reduce the authors' stereotypes, bringing Nietzsche's social closer and Adorno's individual subject closer together. In the end, we will

¹ Artigo confeccionado como critério de avaliação para a disciplina de Ética do curso de Doutorado em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo ministrada pelo professor Dr. Jorge Luiz Viesenteiner, a quem sou grato pelos esclarecimentos, enriquecimentos e imersão na filosofia de Nietzsche.

try to demonstrate how the concept of solidarity in Adorno does not better solve the ethical issue, than evaluation as a value for the construction of values, with Nietzsche's immoralist proposition being much more a provocative resource than a fundamental assertion.

Keywords

Criticism, clarification, value, dialectic.

Introdução

O pensamento subordinado ao ressentimento cria posições tão rígidas com os seus discípulos fiéis e apaixonados com suas cegueiras dogmáticas, que autores de uma riqueza extraordinária são afastados um do outro, em nome de uma militância estéril, pois silencia-se na própria dinâmica de seu discurso sobre a verdade. “A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores” (NIETZSCHE, 1998, p.28) Um grupo, de um lado, acaba por atribuir a Nietzsche um certo individualismo, quase uma subsunção do sujeito a ditadura do eu na sua vontade irrefreável, sem sociedade ou debate; outros, reativos à acusação posta, lembram de um Adorno dissertando sobre uma práxis social no interior de sua biblioteca na Califórnia, enquanto seus contemporâneos e conterrâneos encontravam-se no *front*, lutando, com quaisquer armas que tivessem, contra as forças sombrias que dominavam a Europa, sábios de que morrer na guerra era o mais honroso a ser feito pela História da Humanidade. Acreditamos que quaisquer uma dessas posições empobrece os autores, fragiliza o debate filosófico e não contribui para a História da Filosofia. Há muitos encontros nesses dois autores, e em diversos aspectos também desencontros, o certo é que nenhuma das duas posições é suficiente para abarcar o mínimo da complexidade de ambos. Pretendemos neste artigo, primeiramente, indicar como a crítica dos autores a uma determinada concepção filosófica moderna é de algum modo semelhante e certa. Num segundo momento exporemos os pontos divergentes no que concerne a superação moral da crítica, Nietzsche com a hipótese da supressão moral, Adorno com o conceito de solidariedade elevada a uma categoria transcendental.

A crítica à cultura em Nietzsche e Adorno como pontos comuns do diagnóstico de uma determinada moral

A utopia da Ilustração teve seu golpe mais brutal na Segunda Grande Guerra Mundial (1939-45). O progresso, a marcha em direção aos excelsos verdugos de uma humanidade plenificada de conhecimento, razão, liberdade e liberalismo econômico industrial, mostrou sua face quando a civilidade do arrogante europeu desmoronou-se na barbárie. “O que nos propu- séramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.10) O primeiro grande choque em 1914 já havia mostrado o nível de eficiência destrutiva produzido pela Revolução Industrial, em 1939 a ciência de guerra amplificou sua força, com mais tecnologia e velocidade, numa racionalização das técnicas no sentido de uma metrificação da morte e do ódio, na medida que escamoteia a briga de rua na frieza do cálculo.

O século XVIII, na sua dupla revolução², inaugurou o tempo da liberdade, da igualdade e da fraternidade, assim como capturou todas as formas de vida numa modalidade de sequestro que torna todos iguais enquanto livres para comprar. Uma liberdade cooptada pela engrenagem que determina que gostos e prazeres são os mais desejados para o usufruto da felicidade. “O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.12) Do mesmo modo o pensamento se submete ao pragmatismo e a velocidade do sistema capitalista, necessitando ser útil, objetivo, aplicável e, principalmente, lucrativo. Se a preocupação de Nietzsche com a verdade serve de denúncia a uma filosofia que procurava um ser absoluto por trás das coisas, na era do capitalismo monopolista, a verdade não tem utilidade alguma, pois não tem potencial de maximização dos negócios. Evidente que todas as verdades possíveis são melhores que apenas uma em termos de produtos e consumidores a serem conquistados. Assim, até o discurso da esquerda pode ser vendido. “Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a

² Ver HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

verdade.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.12) Não é indubitável que a cultura em toda a sua dimensão espetacular e extraordinária também foi plasmada aos interesses do capital. A arte, antes assunto para o deleite de homens cultos e ricos, a partir da era industrial passou por um processo de massificação, não se atribuindo mais um valor estético elevado para esta ou aquela obra de arte, sendo tudo passível de ser fabricado em grandes caixas de pronta entrega a consumidores específicos.

É importante salientar que a cultura popular, em muitos aspectos produtos da Indústria Cultural de Massa, não comparável a Beethoven: não porque Beethoven seja melhor, ou mais sofisticado, mas porque Valesca Popozuda e Beethoven correspondem a produções artísticas diferentes, em campos semânticos distintos, assim como estiveram em contextos históricos muito distantes, sem contar ainda, os territórios completamente díspares que habitavam; que a cultura popular não pode ser reduzida a uma imposição tirânica a serviço da alienação do povo, pois poderia parecer que neste debate sobre a cultura e sua instrumentalização pelo capitalismo, o que se está mais uma vez aludindo é como o povo na sua incivilidade e ignorância, consome produtos estúpidos e imbecis, passivamente, sendo necessária uma cultura Esclarecida, a disciplinarização pela escola Iluminista ou a disciplinarização pela escola marxista soviética, para extirpar a ignorância destas bestas selvagens, ou seja, mais uma vez estampa-se a carapaça de um elitismo na análise da cultura, só que travestido de signos de esquerda. A grande novidade da Escola de Frankfurt foi desmontar uma concepção de marxismo há muito arraigada na esquerda europeia, quiça mundial, sob forte influência dos pensadores soviéticos. O marxismo ortodoxo no seu economicismo reducionista deslocou o problema da cultura para âmbitos menores, quando não, o fetichizou como assunto de burguês. Ora, se antes uma nobreza culta se afundava em delongas sobre uma concepção do Belo como transcendência, ou projeção absoluta da Ideia, ou como vontade, como se a arte desse acesso ao fundo das coisas³, e acabava por demonstrar seu eurocentrismo mais contundente, quando, em geral, apresentavam seu gosto europeu pela arte europeia como a emanção plenificada do Belo; agora, ou na época de Adorno, diga-se século XX, uma esquerda bem-intencionada decidiu discutir arte,

³ Ver §51 do Terceiro Livro de SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

porém, ainda, me parece, com alguns preconceitos: com a morte do Belo enquanto problema de mentes ociosas, acusou-se uma determinada arte de não ser adequada aos trabalhadores, pois imbeciliza, não conscientiza. Mesmo sem o Belo ainda existem censores tentando a todo custo escravizar a arte. Na pior das hipóteses, o funk é um tipo de arte que libertou-se, não necessitando mais da chancela e autorização da arte para ser arte.

Hoje, porém, o passado se prolonga como destruição do passado. Se a cultura respeitável constituiu até o século dezenove um privilégio, cujo preço era o aumento do sofrimento dos incultos, no século vinte o espaço higiênico da fábrica teve por preço a fusão de todos os elementos da cultura num cadinho gigantesco. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.13)

Enquanto crítica cultural, a própria crítica tem de assumir sua inseparabilidade do todo que critica, de modo a se perceber portadora de um valor que pudesse definir uma arte aquém do seu tempo, autorizando a enxergar deste ponto de vista, as outras formas de expressão com elementos de culpa, na sua baixeza desinteressada politicamente, e isto é bastante violento. Existe resistência na Indústria Cultural de Massa, em meio ao pasteurizado, algo resvala como pura singularidade. E quando o nu, o sensual e *safado*, bem sexualizado, se evidencia, há aí resistência cultural e política, como corpo negro e periférico, que transgride as concepções brancas do colonizador de arte, cultura e comportamento; ou estariam os detratores do funk, principalmente os de esquerda, se assemelhando aos conservadores cristãos, de direita, cidadãos de bem, que acham tudo isso uma *pouca vergonha!*

A racionalidade instrumental, desprovida de uma crítica interna, se entroniza no turbilhão dos homens de negócio para servir de aparelhagem conceitual aplicada a manipulação do real com finalidades produtivas. “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.17). Esse dado que poderíamos atribuir ao século XVIII como estratégia econômica, para Adorno é bem anterior, pois a tendência a autodestruição deve-se a uma racionalização que sobrepõe o poder do homem sobre o mundo. Razão que tentou esconder a animalidade do homem retirando-lhe dos ecossistemas terrestres, atribuindo-lhe uma certa superioridade em relação aos outros bichos e plantas. O planeta sob ameaça direta dos homens, sofre suas transformações numa reação implacável às sociedades humanas. “A tendência não apenas ideal, mas

também prática, à autodestruição, caracteriza a racionalidade desde o início e de modo nenhum apenas a fase em que essa tendência evidencia-se sem disfarces.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.14) Esse poder como marca da vaidade e dos desejos do homem, como ação de um pensamento esclarecido, não fecundou a humanidade com os articuladores políticos mais civilizados e diplomáticos.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 16)

A lógica do esclarecimento se apropriou do cálculo para operar sobre o mundo. Do chão da fábrica aos bairros dos trabalhadores, passando pela extração de matérias-primas, produção e distribuição, tudo precisa ser organizado pormenorizadamente, administrado cientificamente. Cada espaço, cada vida, tem que ser normalizada (Curva Normal dos estudos estatísticos) numa normatização dos costumes, perseverando na equação que iguala para uma pasteurização do homem, disciplinarização dos corpos, contenção dos instintos, dos desejos. “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.18) E a ciência com o seu pragmatismo basilar teria as ferramentas necessárias a essas demandas e, obviamente, ela fora recrutada para tal empreitada. Com mais recursos disponíveis, as pesquisas avançaram, surgiu a Medicina Social, com suas estratégias profiláticas e higienistas, a Medicina do Trabalho, a Psicologia do Trabalho, sabendo escolher dentre os vários trabalhadores, os que poderiam ser mais produtivos com menos custos. O controle é social, político, o controle é sobre todas as formas de vida.⁴

Apesar de seu alheamento à matemática, Bacon capturou bem a mentalidade da ciência que se fez depois dele. O casamento feliz entre o entendimento humano e a natureza das coisas que ele tem em mente é patriarcal: o entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 16)

⁴ Ver FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.; FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.; FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Os ideais científicos esclarecidos surgiram como uma necessidade premente, destruir os mitos, superstições, religiões. Todavia, sua atuação enquanto campo de forças na modernidade se deu pela denúncia do mito, enquanto se apropriava dele. A Revolução Técnico Científica desmascarou os alicerces mais profundos da ficção dogmática católico medieval. Porém, além da substituição do Deus cristão pelo Deus razão método, aspectos incrustados da cultura judaico-cristã permaneceram no agir esclarecido, como o autoritarismo, o ressentimento, a obediência. “Do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo, ele o recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.22) O novo se parecia demais com o velho, mas era incapaz de olhar para si com um olhar mais atento e perspicaz.

Cada resistência espiritual que ele encontra serve apenas para aumentar sua força. Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos. Quaisquer que sejam os mitos de que possa se valer a resistência, o simples fato de que eles se tornam argumentos por uma tal oposição significa que eles adotam o princípio da racionalidade corrosiva da qual acusam o esclarecimento. O esclarecimento é totalitário. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.18)

O homem esclarecido, sujeito da aventura do conhecimento, acessa o real, o objeto, não como a suspeitar de que algo de inefável pudesse transgredir nosso olhar sobre o mundo, mas que sua metodologia infalível é suficiente para ler o real. Repetição de comportamentos da natureza numa determinada frequência calculável e possibilidade replicativa de testes laboratoriais se tornaram o mantra desta nova epistemologia. “As múltiplas afinidades entre os entes são recalcadas pela única relação entre o sujeito doador de sentido e o objeto sem sentido, entre o significado racional e o portador ocasional do significado.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.21) Assim, o movimento da natureza, ao invés, de agir por si mesmo, acaba por se tornar uma operação matemática manipulada pelo próprio cientista. Até aí, nenhum problema, se o agente do conhecimento garantir que a sua forma de conhecer não é neutra, pois os efeitos factuais sobre o objeto conhecido reverberam como fenômeno. Esquivar-se desse pressuposto é desonestidade intelectual, que por sua vez terá repercussões: a máquina de guerra nazista não foi um acaso.

Mas quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei, prende o homem naquele ciclo que, objetualizado sob a forma da lei natural, parecia garanti-lo como um sujeito livre. O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 22)

Além disso, o esclarecimento inventou um outro brinquedo de palavras. A igualdade ganhou bandeira e defensores. Igualdade jurídica, de mercado, igualdade como nivelamento da vastidão do rebanho. Enquanto sujeitos iguais, se perdeu o indivíduo, o que basta é o coletivo como uma forma do desejo segmentada em compartimentos da linha de montagem, ou numa versão toyotista, produtos para todos os cantos do mundo *Just in Time*. “O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 23) O coletivo como esse corpo de iguais perde sua potência crítica, porque vozes dissonantes no coral dos enfeitados são descartadas como inconvenientes. Sem sujeitos individuais, diferentes numa diversidade radical, não há democracia, debate e crítica interna.

A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos. A horda, cujo nome sem dúvida está presente na organização da Juventude Hitlerista, não é nenhuma recaída na antiga barbárie, mas o triunfo da igualdade repressiva, a realização pelos iguais da igualdade do direito à injustiça. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 23)

O sujeito, agora anulado, deslocado de sua posição autônoma, sem sua individualidade, adquiriu dos esclarecidos a alcunha de transcendental. O sujeito transcendental do conhecimento, não mais este ou aquele indivíduo, com suas dores e seus dilemas, suas posições políticas, foi tragado pela função lógica do pensamento, de modo que nesta analítica transcendental não se averigua erros, pois os pressupostos conceituais, categorias do entendimento puro, com sua mecânica interna não falha, porque é impessoal. “O eu que, após o extermínio metódico de todos os vestígios naturais como algo de mitológico, não queria mais ser nem corpo, nem sangue, nem alma e nem mesmo um eu natural, constituiu, sublimado num sujeito transcendental ou lógico, o ponto de referência da razão, a instância legisladora da ação.” (ADORNO;

HORKHEIMER, 2014, p. 35) Por isso, o problema da miséria e da fome no Brasil, não são questões que exijam um posicionamento mais explícito dos cidadãos e do gestor público, porque o princípio da vida administrada restringe-se a análise fria de variáveis: a fome é um evento numérico, não é um fato político e moral. Seguindo o mesmo raciocínio, a *Banalidade do Mal*, seja na Alemanha de Hitler ou no Brasil de Bolsonaro, opera na desqualificação do sujeito enquanto portador da responsabilidade política de agente da História, pois ele é uma peça do grande sistema, um número que se soma ao outro, um número sem corpo, sem alma, sem pessoa, o número como medida de todas as coisas, que, todavia, é desprovido de todas as coisas, na sua isenção sanitária.

Mas isso, mais uma vez, é levado em conta pelo pensamento esclarecido: aparentemente, o próprio sujeito transcendental do conhecimento acaba por ser suprimido como a última reminiscência da subjetividade e é substituído pelo trabalho tanto mais suave dos mecanismos automáticos de controle. A subjetividade volatizou-se na lógica de regras de jogo pretensamente indeterminadas, a fim de dispor de uma maneira ainda mais desembaraçada. (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 35)

Esse conhecimento entregue a uma formalidade fora do mundo, isento e neutro, triste como a desilusão, tecnicista e brutal, trouxe melhorias tecnológicas em todas as dimensões da vida humana; porém, este mesmo agente criador, cria para matar e destruir. O esclarecimento não eliminou a dor primordial, talvez, a tenha até aguçado. “O esclarecimento é a radicalização da angústia mítica.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 25) Outrossim, o conceito tão estúpido na sua dureza não pode ser absoluto, pois há um movimento que enuncia um negativo da operação, o que Adorno irá explorar bastante como Dialética. Tanto na *Dialética do Esclarecimento* quanto na *Dialética Negativa* existe o diagnóstico da realidade, não para assumir-se uma posição resignada diante de tais infortúnios, mas para verificar a não-verdade da verdade por trás do mundo há muito cindido. “O conceito, que se costuma definir como a unidade característica do que está nele subsumido, já era desde o início o produto do pensamento dialético, no qual cada coisa só é o que ela é tornando-se aquilo que ela não é.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 25) Depois de Nietzsche, e Adorno não é ingênuo, os dualismos caíram, logo, a crítica da transcendência é imanente. Sujeito e objeto se (co)pertencem numa relação, sujeito e objeto estão implicados numa inseparabilidade, transformamos e somos transformados.

A partir daí vieram à tona a própria limitação da filosofia e sua discrepância em relação à realidade; e, com efeito, tanto mais claramente quanto mais fundamentalmente ela esqueceu aquela restrição, afastando-a de si como algo estranho, a fim de justificar a sua própria posição em uma totalidade que ela monopoliza como seu objeto, ao invés de reconhecer o quanto sua verdade imanente depende dessa totalidade até a sua composição mais íntima. (ADORNO, 2013, p. 08)

Os magníficos valores almejados pelos pensadores otimistas do progresso não foram alcançados. O mundo não melhorou por causa da filosofia. A razão apresentou-se, na sua sofisticada abstrata, como tecnização do mundo. “O juízo sumário de que ela simplesmente interpretou o mundo e é ao mesmo tempo deformada em si pela resignação diante da realidade torna-se um derrotismo da razão depois que a transformação do mundo fracassa.” (ADORNO, 2013, p. 07) Já estava na hora de se dar um basta a esse pensamento sem o mundo e as coisas, e que também não fosse um pensamento meramente utilitário. O pensamento do mundo depende do mundo, e porque pensamos, pensar o mundo exige de nós a força ativa para tal ato. Se o mundo existe independentemente do homem, isto não é uma questão de primeira ordem, o que sabemos é que o organizamos em conceitos para melhor suportar uma existência vazia porque caótica. Tais conceitos não explicam a totalidade, mas conseguem operar sobre o real, modelando-o a nosso modo.

Essa aparência não pode ser sumariamente eliminada, por exemplo, por meio da afirmação de um ser-em-si fora da totalidade das determinações do pensamento. Está implícito no pensamento de Kant — e isso foi lançado contra ele por Hegel — que o em si para além do conceito é nulo enquanto algo totalmente indeterminado. À consciência do caráter de aparência inerente à totalidade conceitual não resta outra coisa senão romper de maneira imanente, isto é, segundo o seu próprio critério, a ilusão de uma identidade total. (ADORNO, 2013, p. 09)

A filosofia ao longo de sua jornada se arrogou pretensões não humanas. Como se o seu ofício fosse encontrar uma forma do pensamento sem contradição, ou que pudesse abarcar, em meia dúzia de conceitos, a totalidade, uma totalidade que se inclui tudo, contém também o nada. Se o nada compõe a totalidade, então o todo é sempre incompleto, faltante, impossível. “Em função da essência imanente da consciência, a própria contraditoriedade tem o caráter de lei inevitável e fatal. A identidade e a contradição do pensamento são fundidas uma à outra.” (ADORNO, 2013, p. 09) Ora, o tom disruptivo, de certo modo negador, na assunção do ideal de sujeito como um dentro, forjado numa fortaleza que o distingue de todo fora, como um objeto

inacessível; esse maneirismo do pensamento que categoriza em nomes capazes de penetrar na essência das coisas, obscureceu mais que propriamente esclareceu, pois essas instâncias segmentadas assassinam o entendimento na medida que acessar o mundo significa apreendê-lo no seu movimento. Sem movimento não há mundo, e sujeito e objeto sucumbem diante de sua paralisia sectária.

Apesar de essa diferença —, ou seja, a ruptura entre o sujeito e o objeto intrínseca à consciência — ser inevitável para o sujeito, e apesar de ela penetrar tudo aquilo que ele pensa, mesmo o que é objetivo, ela sempre acabaria na reconciliação. Essa reconciliação liberaria o não-idêntico, desprendendo-o por fim da compulsão intelectualizada; ela abriria pela primeira vez a pluralidade do diverso sobre o qual a dialética não teria mais poder algum. (ADORNO, 2013, p. 10)

O conceito é o meio encontrado pela consciência para organizar o real e dar inteligibilidade ao caos. Não que a realidade seja organizada em si mesma e os conceitos apenas descrevam o fato empírico. Ao contrário, defronte da angústia do completo imponderável do mundo, que o organizamos via conceitos. Deste modo, os conceitos não deveriam pretender acessar nenhum dado muito seguro como a indicar a substancialidade do objeto. De saída, a operação intelectual feita pelos humanos já é uma ficção necessária como acordo provisório para se garantir alguma paz no sentido de ganharmos tempo. Ou seja, a razão não tem nenhum atributo efetivamente estável para ir ao mundo, e mantê-la numa região segregada, como a resguardá-la de possíveis ricochetes do turbilhão do mundo na sua marcha sem fim, não a preserva de sua imaculada funcionalidade explicativa. A razão é contraditória e não há nenhum defeito nesta constatação. “O espírito, que continuamente reflete sobre a contradição na coisa, precisaria se tornar essa coisa mesma, se é que ela deve se organizar segundo a forma da contradição.” (ADORNO, 2013, p. 13) Enquanto conceito, sempre insuficiente, limitado, não absoluto, mediador do sujeito, há no bojo um não-conceito como contradição própria da intelecção, mas o não-conceito não é vazio, ele também é conceito.

A necessidade da filosofia de operar com conceitos não pode ser transformada na virtude de sua prioridade, assim como a crítica dessa virtude não pode ser inversamente transformada no veredicto sumário sobre a filosofia. Não obstante, a intelecção de que a sua essência conceitual não é, apesar de sua incontornabilidade, o seu elemento absoluto, é mediada uma vez mais pela constituição do conceito: ela não é nenhuma tese dogmática ou mesmo ingenuamente realista. (ADORNO, 2013, p. 15)

A crítica imanente do sujeito se instala enquanto objeto para o sujeito, que se confunde num objeto-sujeito, consciente de que toda crítica interna ou externa, se faz no processo, sendo o agente moral, totalmente comprometido com a crítica que passa por ele mesmo. A proibidade intelectual de se reconhecer partícula da matéria em questão estrutura uma cognição que rompe com os binarismos, os ressentimentos e os abismos conceituais. Pois, o pensador na ação do pensar se sabe pensador, e como pensador, questiona o seu modo de pensar; porém, não mais como uma operação da razão pura. A crítica imanente escande seu interior mais íntimo para lançar-se no exterior mais fora. O motivo do pensar, mesmo na sua condição mais pura, é sempre um movimento interno que se estimula pelo fora, ou é um dentro que nunca deixou de ser fora a não ser pela invenção de algumas mentes formais.

Seu teor lhes é tão imanente, isto é, espiritual, quanto ôntico, ou seja, transcendente em relação a eles. Por meio da autoconsciência desse fato, eles conseguem se libertar de seu fetichismo. A reflexão filosófica assegura-se do não-conceitual no conceito. De outro modo, esse conceito seria, segundo o dito kantiano, vazio; por fim, ele não seria mais absolutamente o conceito de algo e, com isso, seria nulo. (ADORNO, 2013, p. 15)

A seriedade da filosofia a tornou cega diante de si mesma como acesso à verdade das coisas. De tão séria expulsaram os poetas da cidade⁵ e desde então filosofar está associado a dureza, ao peso, à aridez, à verdade. “Filosofia é o que há de mais sério dentre todas as coisas, e, no entanto, ela não é tão séria assim.” (ADORNO, 2013, p. 18) Toda essa soberba e indícios de inacessibilidade para os não habituados aos conceitos filosóficos, além de vaidoso exprimir-se de um ego sofredor, parece a ratificação de uma escravidão do pensamento, mas não só. Na não-liberdade do pensamento como dissertação conceitual da substância fenomenal, a liberdade da filosofia se põe como estandarte quando consegue criticar a sua própria aparelhagem conceitual como engodo ou factoides do delírio racional. Se ela não for capaz de dilacerar suas próprias prerrogativas epistêmicas, a filosofia, portanto, abandonará o seu lugar de saber não dogmático para assumir sua dimensão mais religiosa.

⁵ Ver BARBOSA, Wesley de Jesus. *A educação virtuosa como excelência na Pólis*. Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 153-175.

Isso pode ajudar a explicar por que para a filosofia a sua apresentação não é algo indiferente e extrínseco, mas imanente à sua ideia. Seu momento expressivo integral, mimético-aconceitual, só é objetivado por meio da apresentação — da linguagem. A liberdade da filosofia não é outra coisa senão a capacidade de dar voz à sua não-liberdade. (ADORNO, 2013, p. 20)

O delírio da razão inventou o sistema, mas a assistemática plena colocaria o sujeito do pensamento diante do desamparo. O sistema na sua pureza é consistente demais, como se desse conta de tudo; a assistemática na sua vacuidade é permissivo em demasia, como se tudo fosse permitido não havendo mais grandes distinções entre loucura e sanidade. Por isso, a assistemática é condição interna do sistema, pois o sistema por mais coerente que seja, é sempre uma invenção controladora e reconfortante que não dá conta da totalidade e, aliás, é a intransigente presença do assistemático como perturbador da ordem harmônica, que rebobina o em si primordial do sistema na sua dúvida primeira para, de novo, colocar-se em questão, turbinando sua marcha do conhecer com novos problemas, nunca caindo na mesmice de um livro de filosofia, que nas primeiras páginas elaboram-se os pormenores de seu mecanismo, não adiantando muito avançar mais as páginas, pois tudo já foi dito da forma mais ordeira e excepcional, tão coerente, que poderíamos até suspeitar de sua música angélica.

A concepção do sistema recorda, em uma figura invertida, a coerência do não-idêntico que é precisamente ferida pela sistemática dedutiva. A crítica ao sistema e o pensamento assistemático permanecem extrínsecos até o momento em que não conseguem liberar a força de coerência que os sistemas idealistas assinalaram ao sujeito transcendental. (ADORNO, 2013, p. 27)

O enquadramento semântico das coisas no sistema mostra a face mais autoritária da filosofia, quando regula o real segundo os seus desejos. Desejos, não de um sujeito, como pessoa concreta pulsante, mas desejo de um sujeito abstrato, uma alma sem corpo, sem vida, sem alegria. Neste congelador sistemático interiorizam o objeto flagelando-o com a crueldade de lhe impor um outro ser, ou um não ser, todavia, o torturam como a arrancarem-lhe o substrato do mundo fazendo-o confessar a essência de sua realidade mesma enquanto subalterna ao sujeito transcendental. Os objetos torturados da razão, até agora expostos, como o conhecimento mais proífico, não passam de mentirosos relatos proferidos sob tortura. “De acordo com a crítica nietzschiana, o sistema não fazia outra coisa senão documentar a mesquinha dos eruditos que se vingavam da impotência política por meio de uma construção conceitual de seu direito

por assim dizer administrativo de dispor sobre o ente.” (ADORNO, 2013, p. 23) A assistemática de Nietzsche obedece a um sistema, não enquanto sistema formal, talvez, como hipótese especulativa. Outrossim, a negatividade já estava no não-idêntico em Nietzsche, e Adorno sabia disso e estabeleceu o diálogo reconhecendo similitudes e concordâncias.

A inexorabilidade sublime da lei moral foi talhada por essa fúria racionalizada contra o não-idêntico e mesmo o liberal Hegel não foi melhor ao repreender com a superioridade da má consciência aqueles que se recusam ao conceito especulativo, à hipóstase do espírito. O elemento libertador em Nietzsche, verdadeiramente uma viragem do pensamento ocidental que foi simplesmente usurpada pelos que vieram depois, consistia em expor tais mistérios. (ADORNO, 2013, p. 25)

A crítica nietzschiana é viril e até hoje inacessível a alguns, não porque seja erudita e soberba, mas porque um primeiro passo para avançar na leitura é perceber-se como agente moral, completamente mergulhado, nisto tudo que é o mundo, sem fuga para lugares neutros e isentos, ilhas da fantasia. E numa sociedade talhada pelo judaísmo-cristianismo, o ressentimento atravessa a todos nós. Perceber-se enquanto portador desta moral vingativa é um passo importante para mergulhar nos textos. Do contrário, toda negação muito apaixonada de Nietzsche exporá, muito mais, como a filosofia traz um ressentimento como prerrogativa e, portanto, uma teologia cristã travestida de pensamento racional, o que mais uma vez comprova a hipótese do alemão. Sem a crítica à moral Nietzsche parecerá estranho e bizarro, quem sabe até intraduzível. “O homem criou a mulher — mas de quê? De uma costela de seu Deus — de seu ‘ideal’...” (NIETZSCHE, 2006, p. 07)⁶ As contribuições de Nietzsche a Adorno são visíveis, demonstrando que há mais diálogo que divergências, principalmente na atuação do filósofo da Basileia na destruição dos ídolos. A cultura ocidental judaico-cristã como fabricante de rebanho, de sujeitos dóceis identificados numa igualdade caridosa, piedosa e misericordiosa é um ponto que merecerá significativa atenção. “Como? O ser humano é apenas um equívoco de Deus? Ou Deus apenas um equívoco do ser humano?” (NIETZSCHE, 2006, p. 06)⁷ A crítica ao ressentimento que *A Genealogia* destrincha muito bem, serve de referência para a inversão dos valores morais.

⁶ CI I, 13

⁷ CI I, 7

Para Nietzsche, o sacerdote, através de uma vingança imaginária, inverteu os valores, fazendo o nobre se envergonhar de sua altura, para se rebaixar ao nível dos rastejantes, cansados da vida, com a alegação de que a humildade é um requisito a ser perseguido pela santidade. “O verme se encolhe ao ser pisado. Com isso mostra inteligência. Diminui a probabilidade de ser novamente pisado. Na linguagem da moral: *humildade*.” (NIETZSCHE, 2006, p. 10)⁸ Então, o nobre que era bom se tornou mau, e os escravos, abatidos e sofredores, acovardados pela imensidão da vida, no seu cerne bem ruins, conquistaram o território dos bons, quando conseguiram fazer o débito, da relação devedor-credor, impagável, pela espiritualização da dívida com a morte do crucificado. Desta inversão que é possível ler as sutilezas da crítica: “Homens maus não têm canções.’ — Como é que os russos têm canções?” (NIETZSCHE, 2006, p. 09)⁹

O diagnóstico aponta para o erro da história, de como o homem até agora, negou o mundo, negou a vida, por causa de uma promessa mágica. Temerosos, não conseguem dar um passo sem se paralisarem, estupefatos com a total falta de sentido das coisas. “Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom — um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida.” (NIETZSCHE, 2006, p. 13)¹⁰ O cristianismo, todavia, só teve a habilidade de chegar a mais indivíduos, não só como cultura, mas como processo de subjetivação e assujeitamento dos indivíduos, pela ameaça da culpa, a sempre boa lembrança da dívida e a severa condenação ao inferno; porém, os fundamentos da decadência já haviam sido anunciados em Sócrates. “[...] eu percebi Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da dissolução grega, como pseudogregos, antigregos[...]”. (NIETZSCHE, 2006, p. 13)¹¹ Assim, o mundo na sua unidade inquebrantável ganhou uma substância por trás de sua aparência, motivo de toda a história da filosofia, perseguir as trilhas que levam ao absoluto, - ou ao nada!. “*Fala o desiludido*. — Eu buscava grandes homens, e sempre achei apenas os *macacos* de seu ideal.” (NIETZSCHE, 2006, p. 11)¹² A razão assumiu a consciência e como tal mostrou-se

⁸ CII, 31

⁹ CI I, 22

¹⁰ CI II, 01

¹¹ CI II, 02

¹² CI I, 39

soberba, arrogante, prepotente. De seu jogo não existe espaço para a não-razão, não há contradição. O animal homem fora adestrado e seus instintos domesticados pela razão que impõe ao corpo a mácula do erro, da imperfeição, do pecado.

Sócrates foi um mal-entendido: *toda a moral do aperfeiçoamento, também a cristã, foi um malentendido...* A mais crua luz do dia, a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma apenas uma doença, uma outra doença — e de modo algum um caminho de volta à “virtude”, à “saúde”, à felicidade... *Ter de combater os instintos — eis a fórmula da decadence: enquanto a vida ascende, felicidade é igual a instinto.* — (NIETZSCHE, 2006, p. 16)¹³

A metafísica como orquestração da razão inventou para compor o seu suporte delirante mais uma série de ideais: ser, absoluto, verdade, Deus, ente. E assim, a aventura do conhecimento virou os olhos do mundo real para o mundo ideal perfazendo uma história da epistemologia como a história de uma ficção. Esse mundo sempre como projeção de outro mundo, anterior e essencial. Esse mundo como uma passagem ao outro mundo. Esse mundo nunca como o nosso mundo, o nosso lar, o único que temos e que deveríamos aproveitar, pois a vida é bastante curta. “A ‘razão’ é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Na medida em que mostram o vir-a-ser, o decorrer, a transformação, os sentidos não mentem... Mas Heráclito sempre terá razão em que o ser é uma ficção vazia.” (NIETZSCHE, 2006, p. 17)¹⁴ A vida precisa ter uma explicação, uma causa original, que ela seja fluxo sem início ou fim, apenas um *continuum*, é insuportável para o homem do conhecimento sequioso de vontade de verdade. Verdade como fuga, escapismo, mentira para procrastinar e não ter que enfrentar o que está estampado a todos os olhos, que não tenham medo de ver, que a vida é isto mesmo que está aí, sem pôr ou tirar, basta ter leveza para transformar o tédio e o sofrimento em alegria e poesia.

Todos os valores mais altos são de primeira ordem, todos os conceitos mais elevados, o ser, o incondicionado, o bem, o verdadeiro, o perfeito — nenhum deles pode ter se tornado, *tem* de ser *causa sui*. Mas também não pode ser dissimilar um do outro, não pode estar em contradição consigo... Assim os filósofos chegam ao seu estupendo conceito de “Deus”... O último, mais tênue, mais vazio é posto

¹³ CI II, 11

¹⁴ CI III, 02

como primeiro, como causa em si, como *ens realissimum* [ente realíssimo]... E pensar que a humanidade teve de levar a sério as fantasias doentes desses tecedores de teias! (NIETZSCHE, 2006, p. 18)¹⁵

Tudo isso é produto da degenerescência, da queda, da aniquilação psicofisiológica do sujeito. A fraqueza como instinto é um sintoma da doença que degenera o homem numa perpétua autopunição e covardia. “O moralismo dos filósofos gregos a partir de Platão é determinado patologicamente [...]” (NIETZSCHE, 2006, p. 16)¹⁶ O ideal assumiu de tal maneira o nosso tato com o mundo que, sabendo a razão, das suas imensas dificuldades de acessar o ser substancial das coisas, acreditou ter encontrado a falha metodológica de percurso. Seria a linguagem que devidamente organizada abriria as portas do real. Interessante a esperteza de Nietzsche ao fazer o combate aos ídolos utilizando-se da própria linguagem para criticar a linguagem, desmistificando a crença de que a conexão entre as palavras e as coisas não é natural ou direta, mas arbitrária e duvidosa. “A ‘razão’ na linguagem: oh, que velha e enganadora senhora! Receio que não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática...” (NIETZSCHE, 2006, p. 19)¹⁷ Como em Adorno, é digno de desconfiança, esses grandes sistemas capazes de explicar tudo, como se o real coubesse no calabouço do método, do ritmo premeditado pelas regras formais, como se um antes em termos de planejamento determinasse o depois em termos de conhecimento. “Desconfio de todos os sistematizadores e os evito. A vontade de sistema é uma falta de retidão.” (NIETZSCHE, 2006, p. 09)¹⁸ Nenhuma forma de conhecimento será possível se o corpo não estiver junto deste que conhece. Sem paixão não há vida, sem os desejos não há pulsão, negar isto é auto epistemicídio. “Aniquilar as paixões e os desejos apenas para evitar sua estupidez e as desagradáveis consequências de sua estupidez, isso nos parece, hoje, apenas uma forma aguda de estupidez.” (NIETZSCHE, 2006, p. 22)¹⁹ Portanto, ao humanizar o animal o tornaram antinatural, não como negativo de natural, mas como opressão sistêmica contra aquilo que se é. Ou seja, o antianimal, agora é um humano que fica choramingando pelos cantos,

¹⁵ CI III, 04

¹⁶ CI II, 10

¹⁷ CI III, 05

¹⁸ CI I, 26

¹⁹ CI V, 01

inventando subterfúgios para continuar uma existência que lhe é insuportável: ao reprimir os instintos se condenou o homem a infelicidade.

A moral *antinatural*, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente *contra* os instintos da vida — é uma *condenação*, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos. (NIETZSCHE, 2006, p. 24)²⁰

Essa doença da moral tem algo de inaudito. Por que as coisas boas são tidas como ruins, como pecado? Para que fazer voto de pobreza, de silêncio, não se casar? Por que a monogamia, por que a heterossexualidade? Por que não a diversão em primeiro lugar? Como ser feliz sem nada disto? É possível a felicidade como ideal ascético? Por que essa severa autopunição se não fizemos nada além de existir? “— A Igreja e a moral dizem: ‘o vício e o luxo levam uma estirpe ou um povo à ruína’. Minha razão *restaurada* diz: se um povo se arruína, degenera fisiologicamente, *seguem-se* daí o vício e o luxo (ou seja, a necessidade de estímulos cada vez mais fortes e mais frequentes, como sabe toda natureza esgotada).” (NIETZSCHE, 2006, p. 26)²¹ Todo esse sentenciamento mortificante busca justificar a nossa miséria. Os religiosos inventaram seus engodos, os cientistas e filósofos também. No fim, ninguém se permite mais aliviar-se do peso e, simplesmente, viver o presente, que nunca cessa de existir, sem a chibata do passado ou o vazio do futuro, pois o presente fugidio não pode ser só isto, um agora que carrega toda a dor, toda a alegria, todo o passado e todo o futuro, um agora imensamente grande no seu reduzidíssimo tamanho, um agora ínfimo na sua eternidade. A falta de sentido não pode ser o sentido das coisas, deve existir alguma explicação.

— Fazer remontar algo desconhecido a algo conhecido alivia, tranquiliza, satisfaz e, além disso, proporciona um sentimento de poder. Com o desconhecido há o perigo, o desassossego, a preocupação — nosso primeiro instinto é *eliminar* esses estados penosos. Primeiro princípio: alguma explicação é melhor que nenhuma. (NIETZSCHE, 2006, p. 28)²²

Dialética, termo cunhado desde Sócrates, já serviu a muitos serviços na História da Filosofia, ao nível de uma elevação ao ídolo. A banalização do termo é de tal envergadura que

²⁰ CI V, 04

²¹ CI VI, 02

²² CI VI, 05

qualquer oposição merece sua alcunha como palavra sonoramente impactante. Talvez, a sua vulgarização, no século XX, esteja bastante associada a influência dos marxismos. Entretanto, o nosso ponto de atenção é se o termo realmente oferece os recursos dos quais promete. Primeira constatação importante é que o real não é dividido em dois lados, e se for, os lados se opõem numa unidade. Segundo, que a posição A confrontada a posição B não leva a uma síntese confortadora, ou mesmo provisória para um novo digladiar-se, essa relação de causa e efeito não é tão determinística, a não ser que quisermos acreditar nessa determinação ontológica como homologação da vida. E, por fim, a dialética como luta de classes, de novo, esconde mais do que ilumina, afinal, nestes tempos estranhos porque passam o Brasil, mostra, de forma bem caricatural, uma espécie de ser humano não identificado com os seus valores de classe, como o pobre de direita ou o usuário de *cannabis sativa* conservador.²³ O conceito, esgotado, ainda serve aos avanços epistemológicos de Adorno, todavia com um toque de novidade, ou de não-dialética. “A dialética pode ser usada apenas como *legítima defesa*, nas mãos daqueles que não possuem mais outras armas.” (NIETZSCHE, 2006, p. 15)²⁴ Interno e externo, sujeito e objeto, imanente e transcendente, depois de Nietzsche, já não podem mais assumir as mesmas posições, pois a virada não identifica um e depois o outro, numa separabilidade fundada por uma tênue membrana que distingue o citoplasma das organelas e a própria célula do organismo multicelular, como se a constituição lipoproteica celular apenas separasse, e não fosse seletiva numa constituição de si que buscasse em todo o organismo isto que ela é como um. Enquanto a célula for a unidade e o organismo for o todo como soma das partes, ainda seremos ignorantes sobre a complexidade celular e do organismo.

[...] entende-se mal o questionamento crítico da moral se o entendemos *apenas* de um ponto de vista externo; ele apareceria, assim, como uma rejeição [*Zurückweisung*] ou mesmo dissolução [*Auflösung*] da moral. A razão desta má compreensão consiste em negligenciar em que e como esse “externo” atua simultaneamente no *autoquestionamento* da moral: o questionamento da moral de fora está fundamentado na própria moral. (MENKE, 2020, p. 191)

²³ Ver PRZEWORSKI, Adam. Capitalismo e Social-Democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²⁴ CI II, 06

Ora, talvez, por falta de uma palavra melhor, ou por causa do peso da tradição, ou porque se as palavras e as coisas não tem uma determinação absoluta, logo não seria tão problemático insistir no termo, desde que se fizesse o devido polimento das arestas, e Adorno o fez eloquentemente, continuou-se e continua-se a usá-lo. E no debate sobre a moral em Adorno, ele sugere que a discussão passe por uma *Dialética Negativa*, ou seja, de como moral como igualdade guarda um tom de desigualdade e opressão. “Uma autocompreensão adequada da moral, portanto, requer um conhecimento [*Einsicht*] da dialética, ou mais precisamente: da dialética *negativa* da moral.” (MENKE, 2020, p. 191) Para Nietzsche esse igualitarismo ou democratismo anula o que há de singular no homem para o seu adestramento. Em Adorno, essa igualdade do esclarecimento é uma mentira, pois a democracia liberal tem o seu funcionamento por estratégia de investimento em campanhas eleitorais, assim como os usos das escolas, indústrias, exército, fez a igualdade como mecanismo de controle no sentido de maximizar a produção. “Investigação genealógica e Teoria Crítica são duas formas de questionamento da moral que começam com o mesmo problema, mas terminam em soluções conflitantes.” (MENKE, 2020, p. 192)

Ela [teoria crítica] utiliza o termo “moral” para se referir a um comportamento ou atitude cuja característica fundamental é a orientação para a ideia de igualdade; moral significa igualitário para a filosofia moral moderna. (MENKE, 2020, p. 192)

A crítica a moral só pode ser realizada pela moral e toda pretensão a uma amoralidade ou imoralidade é moral. Portanto, o negativo da moral como amoral não significa uma ausência de moral, mas uma posição diametralmente oposta à de igualdade como valor moderno. “A reflexão na filosofia moral moderna significa, antes de tudo, a fundamentação da moral [*Begründung der Moral*], isto é, uma fundamentação da atitude moral a partir de diferentes capacidades, interesses ou práticas amorais [*nicht-moralischen*].” (MENKE, 2020, p. 192) E a grande pretensão destas reflexões é denunciar ou desmascarar o caráter pernicioso disto, para os indivíduos, para a vida. “Adorno e Nietzsche, por outro lado, pertencem à segunda linha da tradição, que – como Schiller – realiza um questionamento da moral em relação às suas consequências: Nietzsche e Adorno querem mostrar o que as normas e práticas morais significam para os indivíduos e, mais do que isso, como elas danificam suas vidas.” (MENKE, 2020, p. 193) A luta pela igualdade deixou a (T)erra sulcada de sangue, por ela se explorou a mais-valia da forma

mais brutal, se invadiu a África e a Ásia com argumentos civilizatórios e racistas; na Rússia, a igualdade foi socialista, na Inglaterra, capitalista e liberal. Enquanto a igualdade for um ideal, não servirá nem as suas “boas intenções”, nem a desigualdade como fundamento das sociedades humanas, é porque as mulheres se distinguem dos homens que se obtém o direito a desigualdade pelo critério da igualdade jurídica. Se todos fossemos iguais, mulheres não teriam que compor as sociedades enquanto isto que são, mulheres, teriam que não ser isto para ser o que não são, ou seja, homens, e isto é machismo. Este excerto serve também para a população preta, LGBTQIA+, pessoas com alguma deficiência, aliás, *ninguém é igual a ninguém*, e esta pluralidade precisa ser garantida como singularidade, desigualdade numa sociedade equitativa. A polarização sectária igualdade versus desigualdade é pobre e insuficiente para a complexidade do real. “A história da revolução, segundo Schiller, demonstra necessariamente, sobretudo, que a atitude moral da igualdade pode ter consequências desastrosas para as orientações amorais; elas devem, portanto, ser questionadas reflexivamente por estas.” (MENKE, 2020, p. 193) Diante de tais valores, o que resta é a supressão moral.

Para esta conclusão, Nietzsche e Adorno usam, antes de tudo, a mesma figura: a de uma “*autossupressão da moral*”. (NIETZSCHE, 2016, p. 13) No entanto, cada um entende esta figura de uma maneira completamente diferente. Para Nietzsche, a “autossupressão da moral” significa a libertação dos potenciais teóricos e práticos da moral – esses são os bens do verdadeiro autoexame e do autocontrole soberano – de seus propósitos morais, em prol da autorrealização individual. Adorno, por outro lado, considera a “autossupressão da moral” necessária para os propósitos morais orientados para os outros: a “autossupressão da moral” é, para Adorno, a libertação das virtudes sociais. (MENKE, 2020, p. 193)

Acreditamos que o sentido individualista em Nietzsche e o sentido coletivo-social em Adorno não apresentam a profundidade dos autores. Ao longo da *Dialética Negativa* percebe-se uma preocupação de Adorno em retomar o indivíduo neste social que o constitui, como a libertar o indivíduo da opressão do social. “Outra coisa é criticar uma cultura por não fornecer os modelos nem desenvolver [*ausbilden*] as capacidades que permitam aos indivíduos obter uma ideia adequada do sucesso de sua existência individual; essa é a desumanidade da cultura existente para a qual a crítica de Adorno se dirige.” (MENKE, 2020, p. 198) Na *Dialética Negativa*:

Em todo caso, comparada com a racionalidade virtualmente desprovida de sujeito própria a um ideal de ciência que tem em vista a possibilidade de substituição de tudo por tudo, a parcela subjetiva junto à filosofia conserva um toque de irracionalidade. Essa parcela não é nenhuma qualidade natural. Apesar de nosso argumento assumir ares democráticos, ele ignora o que o mundo administrado faz com seus membros forçados. Os únicos que podem se opor espiritualmente a isso são aqueles que esse mundo não modelou completamente. A crítica ao privilégio transforma-se em privilégio: o curso do mundo é dialético a um tal ponto. Seria fictício supor que, entre as condições sociais, sobretudo entre as condições sociais da educação, que encurtam, talham sob medida e estropiam multiplamente as forças produtivas espirituais, que com a indigência reinante no domínio da imaginação e nos processos patogênicos da primeira infância diagnosticados pela psicanálise, mas de modo algum realmente transformados por ela, todos poderiam compreender ou mesmo apenas notar tudo. Se fosse isso o que esperamos, então regularíamos o conhecimento pelos traços patológicos de uma humanidade da qual é retirada, por meio da lei da perpetuação do igual, a possibilidade de fazer experiências, se é que algum dia ela teve uma tal possibilidade. (ADORNO, 2013, p. 41)

Em Nietzsche, o além-do-homem não constitui um indivíduo escravizado numa liberdade do sujeito como outorga do Eu, sempre desejo e vontade, mas uma vontade de poder que atua no sentido de valorar, questionar os valores, criar novos valores, um sujeito que cria sua própria moral, não como sua moral, destarte, como moral que se fabrica no campo de luta da vida. “A genealogia não apenas determina para quem, para que tipo de sujeito, a moral tem algum valor; ela também julga o ‘valor’ de uma moral, conforme o tipo de sujeito que o próprio genealogista é ou deseja ser.” (MENKE, 2020, p. 196) A autossupressão moral reivindica uma moral como fluidez, leveza, disposição ativa, liberdade de ser sem culpa e pecado.

No entanto, a supressão da moral – essa é a razão pela qual Nietzsche fala de sua autossupressão –, só será alcançada pelo conhecimento “honesto” e “verdadeiro”. A dissolução, na verdade a destruição, da moral ocorre quando nos aventuramos no “vasto e novo reino de conhecimentos perigosos” que Nietzsche vê aberto por uma psicologia que “é novamente reconhecida como a rainha da ciência” [...]. (MENKE, 2020, p. 194)

A decisão sobre a vida correta não é individual, nem coletiva, separadamente. Mas somente como interpenetração do indivíduo no coletivo, do coletivo no indivíduo. Somos forjados na sociedade, quando nascemos tudo que está aí já estava aí por milênios. Mas o esmagamento da história e da sociedade sobre os indivíduos não impede os homens de impor sua vontade. “Isso indica uma semelhança fundamental entre Nietzsche e Adorno: eles fazem um exame crítico da cultura, que considera não apenas o êxito, mas o interesse no indivíduo, no sucesso e fracasso de sua existência individual (na medida em que esse sucesso e fracasso é determinado

culturalmente).” (MENKE, 2020, p. 198) A sociedade dos indivíduos é transformada pelos indivíduos, os indivíduos transformadores são castrados pela sociedade.

Pelo contrário, o estado de uma cultura depende de se e como podemos chegar a uma compreensão adequada da vida correta. Cada indivíduo deve decidir por si mesmo onde deseja buscar o sucesso de sua vida. Mas ninguém pode começar essa busca sem se referir aos padrões de sucesso nos quais sua cultura o treina. (MENKE, 2020, p. 197)

Nesse movimento de indivíduos e sociedade, Adorno e Nietzsche concordam que o conhecimento crítico norteador e fundacional dessa civilização ocidental, o são primordiais para que o indivíduo assuma a sua vida como experimento, que possa, ao conhecer a sociedade, mergulhar em si mesmo para vasculhar os vestígios desse fora que nos constitui. Não é uma transformação social com pessoas ainda não transformadas: não basta existir a lei para que não exista racismo, uma sociedade não racista depende do sujeito que se surpreende enojado com o seu próprio racismo de todos os dias. A descoberta do racista como racista reinstala nele mesmo o social como sua interioridade mais externa, reverberando ondas de luta política. O movimento *Black Lives Matter*, protagonizado por pessoas pretas, alcança esse movimento de chocar o racista com o seu próprio racismo.

Em um duplo sentido: Adorno e Nietzsche preocupam-se em mostrar o que a cultura existente significa para os indivíduos, na tentativa destes de conduzir uma vida correta. Mas isso é revelado ao crítico apenas em relação à sua *própria* tentativa de conduzir uma vida correta. Para Nietzsche e Adorno, portanto, o conhecimento crítico da cultura existente é, ao mesmo tempo, um experimento do conhecedor com sua vida[...]. (MENKE, 2020, p. 199)

A vida correta é a atividade da liberdade individual. O que para Nietzsche e Adorno é impossível nestas condições morais. O problema da moral é que ela impede o exercício da vida correta, da jovialidade, da saúde. Moral como apequenamento, opressão, falsificação, escamoteio, procrastinação, mentira, culpa, hipocrisia. “Para Nietzsche e Adorno, a moral é um padrão cultural que impede a vida bem-sucedida ou correta, porque transmite uma compreensão da liberdade como autonomia moral que torna impossível aos indivíduos – sem a vida bem-sucedida ou correta – exercerem a liberdade individual.” (MENKE, 2020, p. 200) Liberdade individual como ação livre, agir como pleno dispor-se enquanto corpo, sem maquinações ressentidas

que inibam o atuar. Pois no fim, é tudo ação, o agente moral atua de modo coeso, sem um antes que determinasse qualquer coisa que fosse. Se fosse isso não se conseguiria andar de bicicleta ou jogar futebol ou tocar um instrumento, o corpo na sua inteligência profícua e eficaz executa a ação, sem subterfúgios. Aqui, mais uma vez, estamos diante da constatação de que o controle das paixões e dos instintos é extremamente prejudicial a liberdade dos indivíduos.

Ação livre não é o que a ideia de liberdade permite aparecer, ação autônoma proveniente de uma decisão distanciada acerca da realização das próprias “forças” ou “impulsos”; a ação livre é, antes, expressiva de maneira inevitável e incontável, a “expressão” de forças (Nietzsche) – a autoliberação de forças [*das Sichäußernlassen von Kräften*]. A verdadeira liberdade, sem a qual não pode haver vida bem-sucedida, exige a anulação da duplicação em ato e autor e, conseqüentemente, a autorrenúncia do sujeito como uma instância de disposição autônoma. (MENKE, 2020, p. 201)

É digno para os argumentos deste artigo, no que concerne, principalmente, a uma aproximação de Nietzsche de uma perspectiva que inclui o social, recuperar as considerações do professor Dr. Jorge Luiz Viesenteiner, sobre os *Juízos Práticos Perfeccionistas*. Sua estratégia argumentativa movimenta-se por intermédio de um olhar sobre o mundo atual e suas crises, querendo fazer uso da filosofia de Nietzsche como chave de leitura perspectivística sobre os seus imbrólios. Todavia, muitas destas questões não eram problemas explorados por Nietzsche em sua época.

Dessa forma, na medida em que mobilizo a letra nietzscheana para algumas das principais demandas contemporâneas – tais como normatividade, epistemologia moral, ciências cognitivas, metaética, etc. –, é preciso reconhecer que muitas dessas demandas não estavam, obviamente, presentes como preocupações centrais na filosofia de Nietzsche, visto se desdobrarem como problemas específicos somente a partir do séc. XX. (VIESENTEINER, 2020, p. 32)

Ora, se a filosofia de Nietzsche não penetrou em muitas das discussões demandadas do século XX, porém consegue ter repertório teórico-conceitual como disparador de análises para os debates, fora de seu tempo, então o seu uso é justificável em termos epistemológicos, entretanto há a necessidade da introdução de valores, vocabulário e autores extrínsecos a sua filosofia. Até mesmo porque o discurso nietzscheano não começa e termina nele mesmo, ele alcança outras dimensões para além da sua dinâmica interna. Assim, “[...]é preciso recepcionar um vocabulário teórico extrínseco à filosofia de Nietzsche, especialmente aquele típico do espaço

conceitual da filosofia do séc. XX,[...]” (VIESENTEINER, 2020, p. 33), ampliando o diálogo e oportunizando saltos mais longínquos aos aportes indicados pelo autor alemão, “vinculando-os contextualmente aos próprios filosofemas de Nietzsche, bem como indicando os limites teóricos para tais aproximações[...]” (VIESENTEINER, 2020, p. 33). Juízos Práticos Perfeccionistas levantam concepções sobre uma vida boa, de como perfeccionar-se, melhorar-se a si mesmo. Todavia, diferentemente de outras compreensões sobre o mesmo tema como em Aristóteles ou Rawls, Nietzsche indica uma perfeição sem uma finalidade forte como o dever moral em Kant. Os juízos práticos, tem teleologia fraca, são fluídos, processuais, autopoieticos²⁵ e o mais importante para o nosso debate, não vislumbram uma ética virtuosa individualista e egóica. “A partir da hipótese sobre autossuperação e a explicação processual de juízos perfeccionistas, concluo que tais juízos são sempre produzidos de maneira autopoietica, ou seja, não são resultados de um impulso extrínseco às condições que atuam, mas sempre oriundos, recursivamente, da rede interna dos elementos presentes em uma determinada situação.” (VIESENTEINER, 2020, p. 35) É o mundo que confronta o indivíduo a se autossuperar, a buscar sempre mais, numa vontade de poder que não se aplaina a violência dos sistemas de controle e vigilância sociais. Porque há uma tentativa de amansamento dos instintos, que o sujeito reage tentando adequar sua singularidade aos desmandos do poder coercitivo social, pois uma resistência cega a toda ordem titânica será *a luta do exército de um homem só* e, inevitavelmente, isto trará sofrimento; não resistir é assumir uma submissão covarde e resignada, aspecto da doença da civilização ocidental. “Por isso, a capacidade de construção de conexões no espaço e no tempo, bem como um sentimento de totalidade como expressão da boa constituição para cada juízo prático perfeccionista podem orientar, em termos avaliativos, o grau de desenvolvimento do potencial humano no percurso da autossuperação.” (VIESENTEINER, 2020, p. 48) E, portanto, nesta luta do sujeito com a sociedade, que ele vislumbra, não uma regra geral para o como viver bem, universal e abstrata, mas avalia a cada situação elementos performáticos do seu viver.

²⁵ Ver MATURANA, H. R.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psy II, 1995. E MATURANA, H. R. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

Partindo do vocabulário técnico da teoria das emoções, entende-se o real não como uma operação lógica do pensamento, mas como atributo, em certo grau e medida, das paixões. Logo, o que se vislumbra não é uma explicação final e última como uma afirmação indubitável sobre seja lá o que for. Ao cabo, são as crenças os valores capazes de vislumbrar o real. “Crenças são estabilizações e cristalizações de afetos socialmente construídos, ou ainda, são resultados das consolidações, sedimentações e cristalizações afetivamente incorporadas de práticas comportamentais que deram certo ao longo da história, e são funcionalmente motivadoras da performance social.” (VIESENTEINER, 2020, p. 50) São elas, as crenças, e nada que se atribua uma noção aquém do homem e da história, os ditames do viver. Crenças como atalhos cognitivos para uma síntese geral do captado numa generalização, pode gerar os preconceitos. Mas os preconceitos não estão alicerçados numa sentença absoluta, o social reposiciona os atalhos cognitivos em novas crenças, pois as paixões são racionalizadas. Desde modo, os processos transformativos internos e externos acontecem num movimento não binário, nem dialético.

Trata-se então das consequências das crenças na vida cotidiana, notadamente a demanda pelo “programa de comportamento para modificar o mundo existente”, visto que seu valor pragmático é situado por Nietzsche, continua ele em *Para além de bem e mal*, em que medida uma crença é capaz de atuar “promovendo e conservando a vida, e talvez até mesmo conservando e cultivando a espécie.” (ABM 4) Essa práxis não-cognitiva da formação das nossas crenças (tornadas pontos cegos) e seu uso na performance social é um pressuposto a ser assumido no processo que conduz o exercício dos juízos práticos perfeccionistas. (VIESENTEINER, 2020, p. 51)

Por fim, juízos práticos perfeccionistas, enquanto autopoiese, constituem um processo de retroalimentação entre sujeito-objeto. Na dificuldade do pensamento enquanto linguagem de impedir as nomenclaturas binarizantes, acaba-se por usá-las no sentido de ajustá-las de modo a trazer movimento relacional, não como um e outro, interseccionados, mas um no outro, como aproximação e distanciamento, ou seja, distancia-se para ampliar o olhar e aproxima-se para aguçar o olhar, para de novo distanciar-se, numa impossibilidade absoluta de dissecação das partes. “Para que esse par teórico possa funcionar operativamente, contudo, é preciso pressupor que cada juízo é sempre parasitário em relação ao que pretende suplantar ou tomar distância, tornando-se operativamente dependente do elemento em torno do qual tem de se diferenciar.” (VIESENTEINER, 2020, p. 62) Portanto, a atribuição a Nietzsche de um certo

individualismo e/ou a alcunha de um social inflacionado a Adorno, correspondem, diante da envergadura teórica dos autores, uma bobagem pueril, que demonstra desconhecimento da obra ou vontade de advogar uma ideia para um determinado autor, no sentido de endossar um determinado tipo de dogma político. O grande estalo na proposição dos juízos práticos perfeccionistas é sustentar uma relação autopoiética, em que indivíduo e sociedade, se correspondem, se implicam, se constituem um pelo outro como crítica interna do externo como relação.

A produção de cada juízo prático perfeccionista, nesse caso, não é resultado de um efeito extrínseco aos seus elementos, mas resultado de uma técnica de autodistanciamento que emula os elementos presentes no espaço ou na situação em que o autodistanciamento ocorre, de modo a se reproduzir, reestruturar e se reorientar de maneira autopoiética. (VIESENTEINER, 2020, p. 61)

Adorno e Nietzsche não estão tão separados, como poderia parecer a um olhar mais preguiçoso. Eles se comunicam, concordam e discordam, num diálogo o menos ressentido possível. Entretanto, o homem moral, produto da crítica que ambos estabelecem, vive sua insatisfação com a própria vida, no seu cansaço hercúleo, necessitando para o seu ressentimento aniquilar a vida boa do outro. “O homem moral não quer – ou mais precisamente: o homem moral não *pode* querer – sua própria vida bem-sucedida e, portanto, luta contra a dos outros.” (MENKE, 2020, p. 205) Invejosos da vida alegre do nobre, estes escravos do igualitarismo acabam massacrando o outro no sentido de saciar a sua vingança. “[...] a moral da igualdade está *fundamentada* na vontade, uma vontade “doente”, que enfraquece a liberdade individual, demoniza e envenena a vida bem-sucedida como culpada.” (MENKE, 2020, p. 206) A direita e a esquerda essa igualdade e cansaço pela vida se enunciam como flagrante verdade inabalável e motivo de correção dos destoantes e anormais.

Se a saída solidária de adorno corresponde a uma alternativa melhor em termos transvalorativos

Adorno e Nietzsche tendem a concordar sobre um pano de fundo que corresponde a uma dor como condição do existente. Para Nietzsche, aceitar essa realidade já é um primeiro passo importante no sentido de lidar com a questão, ao invés, de criar subterfúgios para negar esse existir. Adorno foca nas experiências totalitárias e elabora para tal o conceito de

solidariedade. O sentimento de solidariedade orienta a lei moral, no sentido de que, como pertencentes ao grupo humano, comungamos de uma mesma experiência do sofrer, e por isso, somos capazes de nos solidarizarmos com a fome do outro ou a tortura. “Pois, na análise de Adorno, sentimento de solidariedade e lei moral não se opõem externamente, mas é justamente o sentimento de solidariedade que – por um lado – fundamenta a lei moral, mas, por outro lado, é distorcido por ela.” (MENKE, 2020, p. 208) Outrossim, lei moral já não tem aqui uma conotação racional, simplesmente, no sentido de conter os impulsos, mas de liberá-los para o agir solidário.

Agir a partir do sentimento de solidariedade é a ação de um “bom animal”: um sujeito que não se separa de suas “forças” ou “impulsos” e supõe ser livre delas para cumprimento da lei, mas sim cuja liberdade e força consiste precisamente em permitir que suas forças ou impulsos se expressem. (MENKE, 2020, p. 207)

A hipótese de Adorno supõe, não uma autossupressão moral, mas uma crítica da moral como dispositivo para a lei moral. Desta maneira, Menke sugere que diferentemente do sentido vago de Nietzsche, Adorno resolve o problema indicando, inclusive um caráter normativo. “De fato, enquanto a crítica ética individual da moral de Nietzsche varia de maneira incerta entre a ação privada e a teoria objetiva do valor, Adorno deu a essa crítica, antes de tudo, um status *normativo* claro.” (MENKE, 2020, p. 210) Pois, Adorno teria verificado uma contradição dialética de uma expressividade como solidariedade e uma condição abstrata como lei moral.

A “crítica da moral” para Adorno, diferentemente da genealogia de Nietzsche, significa a descoberta de uma oposição, e até mesmo uma contradição, na moral – o desdobramento de sua dialética: entre, por um lado, o “impulso somático” – o impulso da solidariedade com o outro indivíduo – e, por outro lado, o “princípio abstrato” da moral – o princípio da igual consideração de todos. (MENKE, 2020, p. 208)

Isto é, a igualdade surge do sentimento de solidariedade, na medida que, enquanto sofredores, mobilizamos nos para nos opor a sistemas despóticos autoritários, como a monarquia; porém, o Estado Democrático de Direito não garante efetivamente a igualdade, primeiro por sua hipocrisia endógena como serva do Capital, e depois porque a igualdade é um engodo útil que falsifica a realidade, todavia, esta mesma lei efetua uma crítica a solidariedade que lhe

originou, destruindo-a. “Além disso, a lei moral da igualdade se origina do impulso de solidariedade e não da tríade de medo, ódio e autotortura, onde Nietzsche a vê fundamentada. Ao mesmo tempo, porém, a lei moral ‘racionaliza’ o impulso de solidariedade a um ‘princípio abstrato’ – e, assim, o destrói.” (MENKE, 2020, p. 209) Na medida em que se comportam dialeticamente, lei moral e solidariedade, há uma síntese teleológica proveniente da crítica. Esse movimento dialético obedece aos ditames da sobrevivência da espécie. Mesmo na guerra, existe a manifestação da perpetuação da espécie, porque a guerra é o meio de eliminar o sofrimento. Assim, a confrontação do sentimento de solidariedade a lei moral da igualdade repercute normativamente no sentido de reposicionar os modos da vida boa.

Uma tal organização teria o seu *telos* na negação do sofrimento físico ainda do último de seus membros e nas formas de reflexão intrínsecas a esse sofrimento. Ela é o interesse de todos e não é paulatinamente realizável senão por uma solidariedade transparente para ela mesma e para todo vivente. (ADORNO, 2013, p. 186)

Numa sociedade industrial, com sua linha de montagem a fabricar objetos e pessoas, a solidariedade é o meio de retirar o sujeito de sua função administrada lançando-o na percepção da dor do outro, que também é sua. Enquanto iguais na dor, conseguem resistir ao assédio de um sistema que captura o singular, que explora experiências de morte como os campos de concentração. A solidariedade reestrutura a lei moral por outras vertentes distendendo os dualismos numa crítica imanente porque transcendente.

A consciência moral retira sua objetividade em relação aos homens da objetividade da sociedade na qual e por meio da qual eles vivem, e que alcança até o cerne de sua individuação. Os momentos antagônicos encontram-se em uma tal objetividade inseparavelmente entrelaçados: a coerção heterônoma e a ideia de uma solidariedade que ultrapassa os interesses particulares divergentes. (ADORNO, 2013, p. 257)

Solidariedade contra a lei moral da igualdade, moral como transcendência, que por sua vez é combatida pela solidariedade; sujeito e sociedade num permanente antagonizar-se, uma transcendência imanente.

Esta é a tese dupla que entendemos na identificação aparentemente paradoxal de Adorno da realização e transcendência da moral: realizar a moral significa transcendê-la; pois realizar a moral é seguir o impulso de solidariedade com os indivíduos que sofrem, em oposição à lei moral da igualdade. Por

outro lado, transcender a moral é realizá-la; pois transcender a moral é opor-se à lei moral da igualdade apenas em prol da solidariedade com os indivíduos que sofrem. (MENKE, 2020, p. 209)

Este estratagema de um social como condição determinante da moral serviu, durante muito tempo, como denúncia de um solipsismo do pensamento de Nietzsche, haja vista seu egoísmo individualista como crítica desta mesma moral igualitária. “Assim, Adorno mostra que a afirmação que Nietzsche e seus críticos liberais compartilham – a afirmação de que o questionamento ético-individual da moral significa sua dissolução – é falsa.” (MENKE, 2020, p. 210) Entretanto, esta forma de dispor-se do pensamento nietzscheano nos parece bastante precipitada. Assim como autossupressão moral como condizente com Nietzsche. Pois, quando usa recursos como, nós os imoralistas, pretende muito mais enfatizar sua crítica a moral que propriamente supor uma vida sem moral. “Moral é apenas linguagem de signos, sintomatologia: é preciso saber antes *de que* se trata, para dela tirar proveito.” (NIETZSCHE, 2006, p. 19)²⁶

Também é oportuno salientar que a linguagem de Nietzsche também faz parte de sua crítica moral. Os recursos estilísticos servem para combater um tipo de linguagem que se arrogou capaz de acessar os sedimentos mais profundos do mundo porque detinha uma maquinaria conceitual coerente e perspicaz. “Porém, esse erro está entre os mais antigos e mais novos hábitos da humanidade: ele é até santificado entre nós, leva o nome de ‘religião’, ‘moral’.” (NIETZSCHE, 2006, p. 26)²⁷ O que se sabe sobre o mundo ou se saberá, não é algo absolutamente certo, mas, simplesmente, interpretações deste objeto fenomenal. Nada mais que isto! Interpretamos e interpretamos como uma arte de viver, como uma arte de sofismar, como a necessidade de nos afastarmos do peso das coisas para dançar mais livremente a música impossível do real. “O artista trágico *não* é um pessimista — ele diz justamente *Sim* a tudo questionável e mesmo terrível, ele é *dionisíaco*...” (NIETZSCHE, 2006, p. 19)²⁸ E mais uma vez, entrar nestes textos é promover uma jornada sobre si mesmo para desvendarmos esse dentro como tão fora, tão social. “Em todos os tempos a Igreja quis a destruição de seus inimigos: nós, imoralistas e anticristos,

²⁶ CI VII, 01

²⁷ CI VI, 01

²⁸ CI III, 06

vemos como vantagem nossa o fato de a Igreja subsistir..." (NIETZSCHE, 2006, p. 23)²⁹ O certo e o errado são categorias sempre provisórias, sem um valor nos quais se pudesse atribuir um peso como culpa.

Tal exigência resulta de uma percepção que fui o primeiro a formular: *de que não existem absolutamente fatos morais*. O julgamento moral tem isso em comum com o religioso, crê em realidades que não são realidades. Moral é apenas uma interpretação de determinados fenômenos, mais precisamente, uma *má* interpretação. (NIETZSCHE, 2006, p. 19)³⁰

Nietzsche não elimina o social de suas investidas, muito pelo contrário, parte do social como motivo da crítica, para formular o homem que não fosse uma mera vaca mugindo seu monótono canto pastoril no seu pacato rebanho eclesial. Sem o coletivo, não haveria inimigos para confrontar e sem ele não existiria nem filosofia nietzscheana, nem o além-do-homem como possibilidade transvalorativa. "Criadores foram primeiramente os povos, somente depois os indivíduos; em verdade, o indivíduo mesmo é ainda a mais nova criação." (NIETZSCHE, 2011, p. 70)³¹ O filósofo de Röcken não se intitulava salvador ou messias, seu tom profético em alguns textos é ironia (e nestes tempos de muitos analfabetismos é importante destacar o óbvio); os seus *tipos* são recursos estilísticos analisadores, não sentenças sobre a verdade ou sobre como realizar isto ou aquilo. Portanto, não há uma indecisão sobre um sujeito e sua vontade de poder, e o seu avaliar, como dispôr-se na vida, como se isto indicasse um menos porque inútil. É como avaliação permanente que agimos no mundo. A solidariedade de Adorno como um recurso mais profícuo que o sujeito e sua relação avaliativa com todo o real ao seu redor, não tem esse estrondoso alcance como menciona Menke. Tal solidariedade de sofredores indica, talvez, mais uma vez, como o cristianismo está entranhado no ocidente, inclusive naqueles bem esclarecidos e críticos. Solidariedade como compaixão, como substrato da lei moral. Apesar do primoroso trabalho de Adorno, é curioso, uma certa vontade de verdade como a fundar um ancoradouro que pudesse repousar sua dialética na, enfim, síntese teleológica. A paz de uma aposentadoria, depois de tanto esforço.

²⁹ CI V, 03

³⁰ CI VII, 01

³¹ Za I, Das mil metas e uma só meta

Para Nietzsche, não há uma síntese capaz de arrebatrar todo o sofrimento. A condição sofredora é impulsionadora, sem ela estaríamos aniquilados. A humanidade até hoje inventou mentiras para esconder de si essa nobre constatação. “A humanidade ainda não tem meta. Mas digei-me, irmãos: se à humanidade ainda falta uma meta, também não falta ainda — ela mesma?” (NIETZSCHE, 2011, p. 71)³² Enganados como ingênuas crianças e também como covardes que quiseram ser ludibriados, a humanidade seguiu seu derradeiro destino de uma vida projetada no além-mundo, mas os profanadores da vida, apesar de seu declarado ódio a vida, foram inimigos dos quais valeu a pena manter as armas em posição de combate. O niilismo dos crentes ao menos serviu para distorcer o niilismo do real, resguardando ainda, os indivíduos de um pessimismo detonador de sua auto aniquilação. “Mas, se tendes um inimigo, não lhe pagueis o mal com o bem: pois isso o envergonharia. Mostrai, isto sim, que ele vos fez algo de bom.” (NIETZSCHE, 2011, p. 80)³³ Os crentes, uma vez mais, protegeram a vida contaminada pelo veneno de uma consciência capaz de pensar, com sua fé no nada, transfiguraram em paixão o racional para racionalizar sua fé.

Permanepei fiéis à terra, irmãos, com o poder da vossa virtude! Que vosso amor dadivoso e vosso conhecimento sirvam ao sentido da terra! Assim vos peço e imploro. Não os deixeis voar para longe do que é terreno e bater com as asas nas paredes eternas! Oh, sempre houve tanta virtude extraviada! Trazei, como eu, a virtude extraviada de volta para a terra — sim, de volta ao corpo e à vida: para que dê à terra seu sentido — um sentido humano! (NIETZSCHE, 2011, p. 90)³⁴

Entre o valor do valor e o valor da solidariedade, existe neste último nada mais que valor. Nele não há algo mais vernáculo que a avaliação enquanto constituição de si. Solidariedade e lei moral como dialética para referenciar as ações humanas, não constitui atributo mais seguro que avaliar, num sentido sempre fluído, as demandas para se posicionar e perfeccionar-se.

³² Za I, Das mil metas e uma só meta

³³ Za I, Da picada da víbora

³⁴ Za I, Da Virtude Dadivosa, 2

Considerações finais

O texto, querendo ser nietzscheano, acabou por advogar por este, não porque precisasse afirmar uma verdade pela negação do outro. Aliás, mais importante foi indicar os momentos dialógicos e respeitosos dos autores, de como suas trajetórias de algum modo coincidem. E, para além do revanchismo epistemológico, apontar alguns pontos divergentes. Talvez, porque neste divergir fecundassem-se um como antípoda do outro, como *Dialética Negativa*, no sentido de visitar Adorno para ir a Nietzsche e, com Nietzsche perspectivar Adorno. Neste movimento de aproximação e distanciamento se verificaria uma penetrabilidade ou uma inseparabilidade entre eles, como o sujeito que no seu mergulho de si (Nietzsche) alcança o seu mais fora como social indissolúvel (Adorno), que se descobrindo no outro, desvenda a si, na identificação dos traços estrangeiros neste interno que o constitui, e na não-identificação de si como inefável e aconceitual: mais leves e travessos, dançarinos talvez, agora feito espíritos livres.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Prismas crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Lisboa: Edições 70, 1951.
- ANSCOMBE. *Modern Moral Philosophy*. Philosophy: The journal of the royal institute of philosophy, Vol. XXXIII, No. I 24, january 1958.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BARBOSA, Wesley de Jesus. *A educação virtuosa como excelência na Pólis*. Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 14, n. 1, 2021, 153-175.
- BURNETT, Henry. *Nietzsche, Adorno e o Wagnerismo*. kriTerion, Belo Horizonte, nº 139, Abr./2018, p. 157-174.
- BURNETT, Henry. *Nietzsche, Adorno e um pouquinho de Brasil*. São Paulo: Editora Unifesp, 2011.
- CHAVES, Ernani. *Não há trágico na indústria cultural: Nietzsche e Adorno, mais uma vez*. Limiar, São Paulo, vol. 1, nº 2, 1º semestre 2014.
- DAROS, Otávio. *A transição da crítica imanente para a transcendente nos estudos de Douglas Kellner sobre cinema e televisão*. Intercom – RBCC, São Paulo, v. 42, n. 2, maio/ago. 2019, p.51-64.
- FIANCO, Francisco. *Adorno e a recepção da crítica de Nietzsche à cultura em Dialética do Esclarecimento*. Passo Fundo: EDIUPF, 2020.

- FLECK, Amaro. *Da crítica imanente à crítica do sofrimento: a justificação normativa na obra tardia de Adorno*. Ethic@, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v.15, n.1, Jul. 2016, p.65-84.
- FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Uma filosofia moral negativa?* Kriterion, Belo Horizonte, nº 117, Jun./2008, p. 143-152.
- GARCIA, Douglas. *Razão e expressão: O problema da moral em Theodor W. Adorno*. Tese de Doutorado. UFMG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2003.
- HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Karl Kraus. *Gli Ultimi Giorni dell' Umanità. Tragedia in cinque atti con preludeo ed epilogo*. Milano: Adelphi Edizioni, 1980.
- KELLNER, Douglas. *A crítica de Nietzsche à cultura de massa*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 13, dezembro 2000.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- MATURANA, H. R. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psy II, 1995.
- MENKE, Christoph. *Genealogia e crítica: duas formas de questionamento ético da moral*. Cadernos de Filosofia Alemã, São Paulo, v. 25, n. 1, 2020, pp.191-212.
- NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos ou Como se Filósofa com o Martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral*. São Paulo: Hedra, 2007.
- PRINZ, Jesse J. *The Emotional Construction of Morals*. New York, Oxford University Press, 2007.
- PRINZ, Jesse. *The emotional basis of moral judgments*. Philosophical Explorations, Vol. 9, No. 1, March 2006.
- PRINZ, Jesse. *The Moral Emotions*. The Oxford Handbook of Philosophy of Emotion, 2009.
- PRZEWORSKI, Adam. *Capitalismo e Social-Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- SELL, Jorge Armindo. *Modelos de crítica imanente: um debate metateórico*. Cadernos de Ética e Filosofia Política, São Paulo, número 30, 2017.
- SOLOMON, Robert C. *Thinking About Feeling*. Oxford: Oxford press, 2004.
- TOGEREN, Paul Van. *A moral da Crítica em Nietzsche à Moral*. Curitiba: Editora PUC PR, 2012.
- VIESENTEINER, Jorge L. *Agente moral expressivista em Nietzsche e avaliação de juízos práticos perfeccionistas*. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.41, n.2, maio/agosto 2020, p. 145-189.

- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Considerações Sobre Juízos Práticos Perfeccionistas em Nietzsche*. Dissertatio, Pelotas, vol. 51, 2020 p. 31-72.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Crítica ao otimismo da vontade de transformação no contexto da pandemia: dois desafios teóricos*. Voluntas, Santa Maria, v.11, e22, 2020, p. 1-8.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Kant: orientation and fremde vernunft*. Kant e-Prints, Campinas, Série 2, v. 15, n. 1, jan.-abr. 2020, pp. 36-56.
- WILLIAMS, Bernard. *A psicologia moral minimalista de Nietzsche*. Cadernos Nietzsche, Porto Seguro, 29, 2011, p. 15-33.
- YOUNG, Julia. *A Philosophical Biography*. Cambridge:Cambridge University Pres, 2010.
- YOVEL, Yirmiyahu. *Spinoza and Other Heretics: The adventures of immanence*. Princenton: Princeton University Press, 1989.
- YOVEL, Yirmiyahu. *Spinoza and Other Heretics: The marrano of reason*. Princenton: Princeton University Press, 1989.

Recebido em: 05/11/2021
Aprovado em: 06/12/2021

Wesley Barbosa

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo.